

APADRINHAMENTO

APADRINHAMENTO

Tema Para Discussão Em Grupo

Sugestões retiradas do folheto escrito por Clarence H. Snyder, "Apadrinhamento em A.A. suas Obrigações e Responsabilidades". Ele ficou sóbrio em Cleveland-ohio com a ajuda do seu padrinho Dr. Bob. Foi impresso pelo Comitê Central de Cleveland e traduzido pelo Dr. Lais Marques, Ex-presidente da JUNAAB.

- 1) Cada membro de A.A. é um padrinho em potencial de um novo membro e deveria reconhecer claramente as obrigações e deveres da tal responsabilidade.
- 2) A aceitação da oportunidade de levar o plano de A.A. para aquele que sofre no alcoolismo compreende responsabilidades muito reais e criticamente importantes.
- 3) Cada membro, ao praticar o apadrinhamento de um alcoólico, deve lembrar que está oferecendo o que é, frequentemente, a ultima chance de reabilitação, de sanidade ou, mesmo, de vida.
- 4) Felicidade, saúde, segurança, sanidade e vida de seres humanos são as coisas que temos que manter em equilíbrio quando apadrinhamos um alcoólico.
- 5) Qualquer A.A. que não tenha experimentado as alegrias e satisfações de ajudar um outro alcoólico a retomar o seu lugar na vida, ainda não terá percebido completamente os benefícios que pode auferir desta irmandade.
- 6) Por outro lado, deve ficar claramente guardado na mente que a única razão possível para levar um alcoólico para o A.A. é o benefício daquela pessoa.
 - 7) O apadrinhamento nunca deve ser feito para:
 - A - aumentar o tamanho do grupo;
 - B - satisfação ou glória pessoal ou ainda
 - C – porque o padrinho sente, como sendo do seu dever, refazer o mundo.
 - 8) Até que um membro de A.A. tenha assumido a responsabilidade de colocar um trêmulo e impotente ser humano de volta no caminho para se tornar um membro saudável, útil e feliz da sociedade, ele não terá desfrutado a completa sensação de ser um membro de A.A..
 - 9) Muito tempo e esforço poderiam ser poupados ao se conhecer, tão cedo quanto possível, se:
 - a) A pessoa realmente tem um problema com a bebida?
 - b) Sabe que tem um problema?
 - c) Deseja fazer alguma coisa acerca do seu beber?
 - d) Deseja ajuda?

10) Às vezes, as respostas a essas questões não podem ser obtidas até que o candidato potencial tenha tido alguma informação sobre A.A. e de ter uma oportunidade de pensar.

Devemos estar certos, no entanto, de fazer com que o potencial candidato saiba onde pode nos alcançar em qualquer data futura.

Em Alcoólicos Anônimos, apadrinhamento é o processo em que um alcoólico que já fez algum progresso no programa de recuperação, partilha essa experiência de uma forma contínua e individual, com outro que está tentando conseguir ou manter sua sobriedade através de A.A.

A responsabilidade do apadrinhamento, embora não escrita e informal, é uma parte básica da maneira de A.A. efetuar a recuperação do alcoolismo através dos Doze Passos.

Não há regras específicas, mas um bom padrinho, que provavelmente deveria contar com um ano ou mais de sobriedade desde seu último gole, deve parecer feliz na sobriedade e convém que, dentro das possibilidades do grupo, homem apadrinhe homem e mulher amadrinhe mulher (evitar envolvimento emocional, nem sempre saudáveis).

O apadrinhamento reforça a sobriedade do membro mais antigo. O ato de partilhar sua sobriedade torna mais fácil para o veterano a vida sem álcool. Ajudando os outros, constatamos que ajudamos a nós mesmos.

Não há qualquer classe ou casta superior de padrinhos em A.A. Qualquer membro pode ajudar o novato a enfrentar a vida, sem recorrer ao álcool sob qualquer forma.

Tempo de sobriedade é um fator, mas não o único. Os padrinhos eficientes são aqueles homens e mulheres que têm permanecido sóbrios por tempo suficientemente longo para compreender o programa sugerido de recuperação delineado nos Doze Passos.

De igual importância são a capacidade de compreensão e paciência, disposição para dedicar tempo e atenção aos membros novos, e o exemplo pessoal como representante do A.A. em ação.

UM BOM PADRINHO DEVERIA:

Fornecer seu endereço pessoal ao afilhado e, se possível, obter o dele, mas sem obrigá-lo a fornecer.

Estimular o afilhado a freqüentar uma variedade de reuniões de A.A., para que ele adquira diversos pontos de vista e interpretações do programa.

Nunca se recusar a tomar o inventário moral do afilhado, se este lhe pedir, mas nunca forçá-lo a isso.

Apresentar o afilhado a outros membros, provavelmente que possuam interesses ocupacionais ou sociais iguais aos dele.

Ficar a disposição do afilhado, quando este está com problemas especiais.

Enfatizar a importância dos Doze Passos e das Doze Tradições, estimulando o afilhado a conhecê-los bem.

Insistir em que o afilhado participe das atividades do grupo, tão cedo quanto possível.

Quando em contato com familiares do afilhado, explicar-lhes o programa de A.A. e falar-lhes sobre os Grupos Familiares de Al-anon e Alateen.

Levar o afilhado em seu trabalho do Décimo Segundo Passo.

Um padrinho que realmente coloca em primeiro lugar o programa, não tomará como insulto o fato de seu afilhado decidir mudar de padrinho ou procurar outros AAs, em busca de mais orientações.

Um padrinho por mais experiente que seja, nunca fala em nome do A.A., e deixa isso claro ao afilhado, informando-o que cada membro tem a liberdade de chegar a uma

compreensão individual do programa.

Em sua ansiedade de ajudar a conseguir a sobriedade, alguns padrinhos podem tender a ser super protetores, tornando os afilhados dependentes de sua pessoa, o que é de todo inconveniente.

Outro perigo é que a super proteção pode aborrecer o afilhado, a ponto de este se ressentir das tentativas de ajuda e expressar esse ressentimento abandonando o A.A.

Deve lembrar-se de que apadrinhar não é forçar o afilhado a nada.

Nos casos de recaída, o padrinho deveria não ser muito intransigente ou bondosamente piegas, mas, procurar o afilhado e simplesmente reconduzi-lo ao Primeiro Passo e ao Grupo.

Do Primeiro ao Quinto Passo de A.A., freqüentemente encontramos citações de como o padrinho procura auxiliar o novato na trilha da recuperação proposta pelos Doze Passos (10 vezes).

A partir do Sexto Passo, deixando de ser infantil e tornando-se mentalmente e emocionalmente adulto, o antigo novato passa a ter todas as condições para ser um bom padrinho.

Um cuidadoso planejamento da atividade do apadrinhamento dentro do grupo, provavelmente dará melhores resultados do que o apadrinhamento deixado ao acaso.

Uma forma sugerida: O Coordenador, no fim da reunião: "Se alguém aqui ainda não tem padrinho e precisa de um, por favor, procure o secretário após a reunião afim de arranjar um padrinho provisório." Onde esta prática é adotada em cada reunião, os membros dizem que ela lembra ao grupo o valor de apadrinhar e ser apadrinhado.

Francisco R.

Vivência nº 36 – Julho/Agosto 1995

"APADRINHAMENTO EM A.A."

Escrito por Clarence H. Snyder, em 1944. Ele ficou sóbrio em Cleveland -Ohio, no dia 11 de fevereiro de 1938 com a ajuda do seu padrinho, co fundador, o Dr. Bob. Em 18 de maio de 1939, fundou o Grupo nº. 3 de A.A. em Cleveland - Ohio e este foi o primeiro Grupo a usar o nome "Alcoólicos Anônimos". Faleceu na Flórida, em 22 de março de 1984, com 46 anos de sobriedade.

Fonte: <http://silkworth.net>

Sua história está publicada nas 1ª, 2ª. E 3ª. Edições do Big Book, nas páginas 297/303.

Dados históricos oferecidos pelo companheiro Laerte A., de Niterói-RJ

Tradução feita pelo Dr. Lais Marques da Silva, ex- Presidente da Junta de Custódios.

Este foi o primeiro trabalho escrito sobre apadrinhamento e o seu título original era "Apadrinhamento em A.A... suas Obrigações e Responsabilidades" e foi impresso pelo Comitê Central de Cleveland.

Prefácio

Cada membro de A.A. é um padrinho em potencial de um novo membro e deveria reconhecer claramente as obrigações e deveres de uma tal responsabilidade.

A aceitação da oportunidade de levar o plano de A.A. para aquele que sofre no alcoolismo compreende responsabilidades muito reais e criticamente importantes.

Cada membro, ao praticar o apadrinhamento de um alcoólico, deve lembrar que está oferecendo o que é, frequentemente, a última chance de reabilitação, de sanidade, ou mesmo, de vida.

Felicidade, saúde, segurança, sanidade e vida de seres humanos são as coisas que temos que manter em equilíbrio quando apadrinhamos um alcoólico.

Nenhum membro é suficientemente sábio para desenvolver um programa de apadrinhamento que possa ser aplicado, com sucesso, a todos os casos. Nas páginas seguintes, no entanto, delineamos um procedimento que é sugerido e que, suplementado pela própria experiência do membro, tem-se mostrado bem sucedido.

Ganhos pessoais de ser um padrinho

Ninguém colhe todos os benefícios de qualquer irmandade a que esteja ligado a menos que, de coração, se engaje nas suas importantes atividades. A expansão de Alcoólicos Anônimos para campos mais largos e o benefício maior para um número crescente de pessoas resulta diretamente do acréscimo de uma nova pessoa, de membros ou associados que são de valor.

Qualquer membro de A.A. que não tenha experimentado as alegrias e satisfações de ajudar outro alcoólico a retomar o seu lugar na vida, ainda não terá percebido completamente os benefícios que pode auferir desta irmandade. Por outro lado, deve ficar claramente guardado na mente que a única razão possível para levar um alcoólico para o A.A. é o benefício daquela pessoa. O apadrinhamento nunca deve ser feito para:

- 1-aumentar o tamanho do Grupo;
 - 2-satisfação ou glória pessoal ou, ainda,
 - 3-porque o padrinho sente, como sendo do seu dever, refazer o mundo.
- Até que um membro de A.A. tenha assumido a responsabilidade de colocar um trêmulo e impotente ser humano de volta no caminho para se tornar um membro saudável, útil e feliz da sociedade, ele não terá desfrutado a completa sensação de ser um membro de A.A..

Fonte de nomes - indicações para apadrinhamento

A maior parte das pessoas tem, entre os seus próprios amigos e relações, alguém que se beneficiaria dos nossos ensinamentos. Outros têm seus nomes dados por igrejas, por doutores, empregadores ou por algum outro membro que não pode fazer um contacto direto.

Por causa da ampla gama de atividades do A.A., os nomes frequentemente chegam de lugares não usuais e inesperados. Esses casos deveriam ser contactados assim que todos os dados como: estado civil, relações domésticas, estado financeiro, hábitos de beber, emprego, e outras informações facilmente acessíveis, estivessem em mãos.

É o cliente potencial um candidato?

Muito tempo e esforço poderiam ser poupados ao se conhecer, tão cedo quanto possível, se:

- 1- A pessoa realmente tem um problema com a bebida?
- 2- Sabe que tem um problema?
- 3- Deseja fazer alguma coisa acerca do seu beber?
- 4- Deseja ajuda?

Às vezes, as respostas a essas questões não podem ser obtidas até que o candidato potencial tenha tido alguma informação sobre o A.A. e de ter uma oportunidade de pensar. Frequentemente são dados nomes, que depois de uma verificação, mostram que o candidato potencial não é, de forma nenhuma, um alcoólico ou ainda que está satisfeito com o atual modo de viver. Não deveríamos hesitar em descartar esses nomes das nossas listas. Devemos estar certos, no entanto, de fazer com que o potencial candidato saiba onde pode nos alcançar em qualquer data futura.

Quem deveria se tornar membro?

O A.A. é uma irmandade de homens e mulheres ligados pela sua inabilidade de usar o álcool em qualquer forma razoável com proveito ou prazer. Obviamente, qualquer novo membro introduzido poderia ser do mesmo tipo de pessoa, sofrendo da mesma doença.

A maior parte das pessoas pode beber razoavelmente, mas estamos somente interessados naquelas que não podem. Bebedores de festas, bebedores sociais, festeiros e outros que continuam a ter mais prazer do que dor no seu beber, não são de interesse para nós.

Em alguns casos, um indivíduo pode acreditar que é um bebedor social quando ele definitivamente é um alcoólico. Em muitos desses casos, mais tempo deve passar antes que a pessoa esteja pronta para aceitar o nosso programa. Pressionar tal pessoa antes que esteja pronta pode arruinar as suas chances de, em algum momento, se tornar um membro de A.A., com sucesso. Não se deve excluir a possibilidade de uma ajuda futura ao se pressionar demais no início.

Algumas pessoas, embora definitivamente alcoólicas, não têm desejo ou ambicionam melhorar o seu modo de viver e, até que elas o façam... o A.A. não tem nada a oferecer.

A experiência tem mostrado que idade, inteligência, educação, situação ou a quantidade de bebida alcoólica ingerida tem pouco, se tem, a ver com o fato de uma pessoa ser ou não um alcoólico.

Apresentando o projeto

Em muitos casos, a condição física de uma pessoa é tal que deveria ser hospitalizada, se possível. Muitos membros de A.A. acreditam que a hospitalização, com tempo suficiente para planejar o futuro, livre das preocupações domésticas e das preocupações com negócios oferece uma vantagem significativa. Em muitos casos, o período de hospitalização marca o início de uma nova vida. Outros membros são igualmente confiantes no fato de que qualquer pessoa que deseje aprender sobre o projeto de vida de A.A. pode fazer isso em seu próprio lar ou enquanto engajado nas ocupações normais. Milhares de casos são tratados de cada modo, que tem-se mostrado satisfatórios.

Passos sugeridos:

Os seguintes parágrafos delineiam um procedimento sugerido para apresentar o projeto de A.A. ao possível candidato, em casa ou no hospital.

Qualificar-se como um alcoólico:

1-Ao atender a um novo possível candidato, tem-se mostrado melhor que o padrinho se qualifique como sendo uma pessoa normal que tem encontrado felicidade,

contentamento e paz por meio do A.A.. Deve tornar claro, imediatamente, que você é uma pessoa engajada nas coisas da vida, em ganhar a vida. Fale que a única razão para acreditar que é capaz de ajudá-lo é que você mesmo é um alcoólico que tem tido experiências e problemas que podem ser semelhantes ao dele.

Relate a sua história:

2-Muitos membros têm achado desejável iniciar imediatamente com a sua história pessoal com a bebida como um meio de obter a confiança e cordial cooperação do possível candidato.

É importante relatar a história da sua própria vida de bebedor e fazê-lo de um modo que irá descrever um alcoólico, mais do que falar de uma série de situações humorísticas de bêbados em festas. Isso capacitará a pessoa a ter uma visão clara de um alcoólico e deveria ajudá-lo a decidir definitivamente se é um alcoólico.

Inspire confiança no A.A.:

3-Em muitos casos, o possível candidato irá tentar vários meios de controlar o seu beber, incluindo atividades de recreio, igreja, mudança de residência, mudança de associações e várias outras atitudes visando o controle. Esses meios irão, naturalmente, se mostrar sem sucesso. Focalize a sua série de esforços malsucedidos para controlar o beber ... os resultados infrutíferos e ainda o fato de que você se tornou capaz de parar de beber com a prática dos princípios de A.A.. Isso encorajará o futuro candidato para olhar com confiança a sobriedade em A.A., a despeito dos muitos fracassos anteriores que tenha tido com outros planejamentos.

Fale de vantagens adicionais:

4-Fale francamente ao possível candidato que ele não poderá entender rapidamente todos os benefícios que estarão chegando por meio do A.A.. Relate a felicidade, a paz de espírito, saúde e, em muitos casos, os benefícios materiais que são possíveis através do entendimento e da aplicação do modo de viver de A.A..

Fale da importância de ler o livro:

5-Explique a necessidade de ler e de reler o livro de A.A.. Destaque que esse livro dá uma descrição detalhada das ferramentas do A.A. e dos métodos de aplicação dessas ferramentas para construir um fundamento de reabilitação para viver. Esse é um bom momento para enfatizar a importância dos Doze Passos e dos quatro absolutos.

Qualidades necessárias para o sucesso em A.A.:

6-Faça saber ao possível candidato que os objetivos de A.A. são prover os meios e modos para um alcoólico voltar ao seu lugar normal na vida. Desejo, paciência, fé, estudo e aplicação são o mais importante em determinar cada planejamento individual de ação para ganhar inteiramente os benefícios de A.A..

Reintroduza a fé:

7-Desde que a crença em um Poder Superior a nós mesmos é o coração do projeto de A.A. e de que o fato de que essa idéia é frequentemente difícil para uma nova pessoa, o padrinho deveria tentar introduzir o início de um entendimento acerca dessa

importante característica.

Frequentemente, isso pode ser feito por um padrinho ao relatar a sua própria dificuldade de captar um entendimento espiritual e falar sobre os métodos que usou para superar suas dificuldades.

Ouçã a sua história:

8-Enquanto falando ao recém chegado, ganhe o tempo para ouvir e estudar as suas reações a fim de que você possa apresentar a sua informação de um modo mais efetivo. Deixe-o falar também. Lembre ... vá com calma.

Leve a diversas reuniões:

9-Para dar ao novo membro um quadro amplo e completo do A.A., o padrinho deveria levá-lo a várias reuniões a conveniente distância da sua casa. Assistir diversas reuniões dá ao novato a oportunidade de selecionar um grupo em que se sinta mais feliz e confortável e é extremamente importante para deixar que o possível candidato tome a sua própria decisão em relação a que Grupo irá se juntar. Acentue que ele será sempre bem-vindo a qualquer reunião e que pode mudar de Grupo se assim desejar.

Explique o A.A. à família do possível candidato:

10-Um padrinho bem sucedido aceita o esforço e faz qualquer empenho necessário para ficar certo de que as pessoas próximas e com interesse maior no seu doente (mãe, pai, esposa, etc,) sejam inteiramente informadas acerca do A.A., seus princípios e seus objetivos. O padrinho cuida para que essas pessoas sejam convidadas para reuniões e as mantém informadas, a todo momento, da situação corrente do possível candidato.

Ajude o possível candidato a se antecipar às experiências a serem vividas em um hospital.:

11-Um possível candidato irá ter mais benefício de um período de internação se o padrinho descrever a experiência e ajudá-lo a se antecipar a elas, preparando o caminho daqueles membros que irão chamá-lo.

Consulte os membros antigos de A.A.:

Essas sugestões para o apadrinhamento de uma nova pessoa nos ensinamentos de A.A. não são completas. Elas pretendem somente dar uma moldura e um guia geral. Cada caso individual é diferente e deveria ser tratado como tal. Informação adicional para o apadrinhamento de uma nova pessoa pode ser obtida a partir da experiência de um companheiro mais experiente nesse tipo de serviço. Um co-padrinho, com experiência, trabalhando com um novo companheiro no apadrinhamento de um possível futuro membro tem-se mostrado satisfatório. Antes de assumir a responsabilidade de apadrinhamento, um membro deveria estar certo de que é capaz de realizar a tarefa e de estar disposto a dar seu tempo, esforço e meditação que uma tal obrigação implica. Pode acontecer que ele queira selecionar um co-padrinho para compartilhar a responsabilidade ou pode sentir necessário solicitar a outro companheiro que assuma a responsabilidade pela pessoa que ele tenha localizado.

Se você vai ser um padrinho, seja um bom padrinho.

" APADRINHAMENTO EM SERVIÇO "

Companheiro Isaias - Ex-custódio da Região Sudeste

O apadrinhamento em A.A. é basicamente o mesmo, seja ao ajudar na recuperação de uma pessoa ou prestar serviço ao Grupo. Pode-se defini-lo como um alcoólico que fez um determinado avanço na recuperação e/ou no desempenho de um serviço e partilha essas experiências com outro alcoólico iniciando a jornada. Ambos os tipos de serviço surgem dos aspectos espirituais do programa.

Os indivíduos talvez sintam ter mais a oferecer em uma área que em outra. É da responsabilidade do padrinho apresentar os vários aspectos dos serviços: providenciar uma reunião trabalho em comunidades, participação em Conferências, etc. Nesse assunto, é importante que o padrinho de serviços ajude os indivíduos a compreender a diferença entre servir às necessidades da irmandade e atender às necessidades pessoais de outro membro do Grupo.

O padrinho de serviços começa estimulando o membro a se tornar ativo em seu Grupo: café, literatura, limpeza, presença nas reuniões de serviços ou nos Escritórios de Serviços Locais, etc. O padrinho de serviço deve ter em mente que nem todos os membros têm o desejo ou as qualificações para ir além de certos níveis e, assim, ele pode ajudar a encontrar tarefas adequadas às habilidades e interesses de cada um. Todos os serviços têm a mesma finalidade ; compartilhar as responsabilidades gerais de Alcoólicos Anônimos.

Eventualmente, o padrinho de serviços estimula os companheiros interessados nessas atividades a freqüentar reuniões de Distrito e ler a respeito da história e estrutura de Alcoólicos Anônimos. A essa altura, o indivíduo que se inicia nesse trabalho começa a compreender as responsabilidades dos serviços, bem como a sentir a satisfação proporcionada por outra forma de trabalho do Décimo Segundo Passo. Essas pessoas são estimuladas a participar ativamente das atividades distritais e a considerar a sua eleição para cargos alternativos no Distrito, de maneira que possam aprender sobre as diversas responsabilidades das diversas atividades na estrutura de serviços.

Durante esse processo, é importante para a pessoa continuar a aprender sobre os Três Legados ; Recuperação, Unidade e Serviço e compreender que o princípio da rotatividade não só permite mudar a atividade de serviço, como também concede aos membros mais novos os privilégios de servir. A rotatividade também permite entender que ninguém deve se apegar durante muito tempo a um cargo de confiança, a ponto de sentir um interesse possessivo e, portanto, desencorajar os novatos quanto a prestar serviços.

Agora, através do conhecimento e da experiência, o membro mais novo estará ciente de que os serviços são o nosso produto mais importante, depois da sobriedade. Munido desse conhecimento, o indivíduo é capaz de compartilhar a sua visão com os outros e garantir o futuro de Alcoólicos Anônimos.

(Extraído do livrete Perguntas & Respostas sobre Apadrinhamento)

ROTATIVIDADE NO SERVIÇO:

CHAVE PARA O NOSSO FUTURO

Dr. Oscar Rodolpho Bittencourt Cox

Presidente da Junta de Serviços Gerais do Brasil

Quando os veteranos perceberam a finitude da vida do Ser Humano e a grandiosidade daquilo que casualmente ocorreu entre dois bêbados, ou seja, a possibilidade de deixarem de beber, identificaram um sério problema existencial para a continuação daquilo que descobriram.

Bill e Dr. Bob, considerados co-fundadores da Irmandade de Alcoólicos Anônimos, nos primeiros momentos foram buscar outros bêbados e Bill D. mostrou a eles a possibilidade de formar uma cadeia de reabilitados diante da doença do alcoolismo. Alcoolismo, doença secular, sem solução plausível e que agora no século XX começou a ser interrompida no seu processo destruidor. Os números e estatísticas mostram a extensão deste mal e quando o câncer surgiu no corpo do Dr. Bob, levando-o a falecer em novembro de 1950, percebeu-se que o processo de recuperação dos alcoólicos não podia ser interrompido.

A estrutura de A.A, nos primórdios apresentava duas Áreas de atuação que corriam em paralelo, isto é, sem contato uma com a outra. A primeira, formada pelos Grupos, vivenciando o programa e a segunda, pelos amigos de A.A. que orientavam e juntamente com os co-fundadores, administravam a Irmandade (Fundação do Alcoólico, criada em maio de 1938 – futuros Custódios Não Alcoólicos).

Ocorreu então, historicamente, um processo dirigido por Bill W. de aproximação para que os grupos apreendessem estes amigos, esta administração e juntos assumissem o comando do processo. Deste modo a finitude humana não mais teria influência sobre o destino de A.A. podendo se esperar a perenidade desta recuperação tão inovadora e espetacular em que pessoas doentes pudessem assumir a própria responsabilidade sobre sua saúde e vida.

A ameaça à saúde do Dr. Bob, o talvez poder moderador, junto a impulsividade de Bill W., levou a que em 1950 ocorresse a 1ª Convenção Internacional em Cleveland – julho 1950 com a anexação das Tradições ao programa.

É em abril de 1951 após a 1ª Conferência de Serviços Gerais que começa um período experimental de cerca de cinco anos, unindo os Custódios de A.A. com a Irmandade como um todo.

Deste primeiro encontro houve uma caminhada contínua até 1955, quando em Saint Louis, Bill W. se retira da direção de A.A. e os Grupos passam a assumi-la. Nesta época, já eram conhecidos pela Irmandade os Passos da Recuperação (1939) e as Tradições (1946).

Surge então, a necessidade do treinamento, da preparação de novos líderes em A.A.. Pessoas que pelo amor e gratidão a sua recuperação, desejam participar da manutenção do processo que um dia as salvou. Em Alcoólicos Anônimos se dá o nome de

-APADRINHAMENTO EM SERVIÇO-

Apadrinhar quer dizer compartilhar erros e acertos e deixar que o apadrinhado caminhe ao lado. Para tal, tenho que estar aberto e desapegado para estender a mão.

A partir de 1962, quando surgem os Conceitos, o 4º nos informa: "A participação é a base da harmonia".

A estrutura em serviço através o Manual sugere uma série de encargos e períodos para exercê-los. Surge daí, como consequência a necessidade de um grande número de membros serem apadrinhados nos encargos o que inexoravelmente só é possível com grande oferta de pessoas e logicamente: ROTATIVIDADE.

A ROTATIVIDADE EM SERVIÇO necessita de muitos servidores novos chegando, apadrinhados pelos veteranos, que passando pelos encargos, não mais os ocupam, mas que, presentes, estimulam e criam novas lideranças.

Para isto, membros de A.A., precisam aprender a AMAR.

AMAR É PERMITIR QUE O OUTRO SEJA ELE, AO MEU LADO.

A ROTATIVIDADE NÃO É DESCARTAR.

A ROTATIVIDADE POSSIBILITA APRENDER A AMAR.

A ROTATIVIDADE POSSIBILITA CONVIVER COM AS DIFERENÇAS.

A "ROTATIVIDADE – CHAVE PARA O FUTURO" é um grande desafio para Alcoólicos Anônimos porque exige pré-requisitos fundamentais: a TRANSFORMAÇÃO DO MEDO PESSOAL em relação à doença e de si mesmo (distorção) numa entrega e confiança a um Poder Superior.

SÓ O PODER SUPERIOR RETIRA O MEDO HUMANO

Daí, o cidadão poder exercer A PRÁTICA DO AMAR.

Outro requisito fundamental: temos que confessar que não sabemos AMAR e pedir ajuda para o aprendizado.

Um terceiro quesito é o desapego. O desapego a coisas e pessoas é possível quando entro no processo do autoconhecimento em que os referenciais externos eu os desloco para dentro de mim. São meus valores que passam a me orientar. Deixo o perfeccionismo, pois não tenho mais que agradar pessoas para que elas me amem. Deixo de ser condicionado pelos outros e passo a ter meus próprios pontos de referência através dos sentimentos. Posso acertar como errar.

Acredito ser uma pessoa.

Devido a estas dificuldades, o animal-homem (Homo sapiens) quando em grupo confiável tende biologicamente a defender um corporativismo cada vez mais conservador e conseqüentemente destruidor.

O grupo defende o membro deste grupo e este protege o grupo e assim, o conjunto (membro/grupo), agindo o poder, atropela o direito do indivíduo, o direito das minorias em particular. Este mesmo indivíduo, fora do grupo apresentará um discurso que não condiz com sua conduta quando no grupo.

Este aspecto biológico é combatido pela ROTATIVIDADE e daí o título: CHAVE PARA O FUTURO pois, será graças a ela que OS PRINCÍPIOS serão preservados. Daí, o recém-chegado ao grupo ser o mais importante na reunião. Esta visão é extremamente revolucionária para a humanidade. Estamos moldando, na visão de Bill W., um novo Homem em recuperação e mais espiritualizado. Toda empresa e A.A. têm o seu lado empresarial. A.A. é uma grande editora, que tende a proteger, como toda empresa, sua condição de sobrevivência empresarial, quando ameaçada. Mas como A.A. possui o lado tradicional – o mais importante –, será a ROTATIVIDADE a sua grande protetora. Ela deve ser almejada, tendo como única autoridade a consciência de grupo, facultando o não temer os novos servidores em potencial, seus novos desafios de cada vez mais abrir toda a estrutura em todos os níveis de serviço, do grupo aos comitês da Junta, onde todo alcoólico em recuperação deve e pode circular apadrinhado e apadrinhando.

Na Junta urge a presença de membros de A.A. de todas as áreas presentes aos Comitês de Assessoramento e em especial:

CAC: COMITÊ DE ASSUNTOS DA CONFERÊNCIA;

COC: COMITÊ DE ORGANIZAÇÃO DA CONVENÇÃO.

Cientificamente, o exercício prolongado e repetitivo, relativamente passivo, onde a falta de renovação existe, como exemplo, podemos citar: espetáculos, televisão, leitura de jornais e revistas de conteúdo superficial provocam rapidamente o tédio e a aversão.

No nosso caso, serviços e grupos "quase parando", maratonas repetitivas e intermináveis são os exemplos. Estas atividades assim postas não estimulam suficientemente nosso organismo.

A Psicologia Industrial nos mostra que a produção de um empregado é melhor e sua motivação é mais elevada quando lhe confiam um trabalho no qual pode executar certa medida de iniciativa e de criatividade, e sobretudo quando lhe é permitido completar uma parte significativa e unificada deste trabalho ao invés de confiá-lo à repetição mecânica de gestos minuciosamente medidos.

Resumindo, eis a importância sob um outro aspecto da ROTATIVIDADE.

Há muitos anos o G.S.O. (General Service Office) adotou o conceito da ROTATIVIDADE nos encargos do pessoal de A.A.

Para o conhecimento e exercício de todos os encargos da estrutura de A.A. há, portanto, necessidade de estar ao lado da experiência e da vivência de erros e acertos. Isto é a ROTATIVIDADE DINÂMICA onde o apadrinhamento não pode ser capenga porque o alcoólatra não se estruturou no AMAR, não foi orientado a aprender a AMAR: a ser ele e, logicamente não sabe o que fazer. Podemos chamar de um "EGOÍSMO ENVERGONHADO".

Do exposto acima é que provém a queixa comum da falta de servidores, permanecendo as mesmas pessoas em serviço apenas mudando de encargos. Este movimento rotatório dos mesmos servidores é movimento de morte, porque não havendo "sangue novo", o corporativismo cresce e a desconfiança acompanha, logo acabando em fechar a mão de A.A.

A Irmandade morre.

O membro de A.A. deve aprender e exercitar o pertencer daí, repetindo o título: ROTATIVIDADE NO SERVIÇO: CHAVE PARA O NOSSO FUTURO.

Este é, portanto um grande desafio para Alcoólicos Anônimos.

Estes comentários devem ser exaustivamente praticados e não devemos fugir do conflito. Temos que aprender a conviver com as diferenças. E é isto a prova maior de AMOR, de entrega ao PODER SUPERIOR.

Eis um grande desafio proposto para Alcoólicos Anônimos a partir desta Conferência. Estejamos desarmados, com mente aberta e boa vontade para discutir o melhor para Alcoólicos Anônimos.

" APADRINHAMENTO "

"UM APOIO EM TEMPO DE NECESSIDADE"

(Tema apresentado na Quinta Reunião Mundial de Serviços de A.A., por Bill S., delegado do Reino Unido (Inglaterra e Escócia).)

Considero-me uma pessoa muito afortunada em muitos aspectos, muito particularmente em dois eventos cruciais de minha vida. O primeiro foi, indiscutivelmente, ter sido conduzido pela graça de Deus, tal como O entendo, para Alcoólicos Anônimos na hora de maior necessidade. O segundo, quando um membro de A.A. de ampla e magnífica experiência não apenas estava disponível como atendeu ao meu pedido de que fosse meu padrinho.

Um dos significados da palavra "apadrinhamento" é "apoio e esta é para mim uma descrição apropriada e confortante".

Devo admitir que quando fiz o pedido para que fosse meu padrinho, de maneira inocente ou ignorante esperava que ele se convertesse na pessoa responsável pelos meus atos. Logo aprendi que não poderia ser assim, posto que somente eu era responsável por mim mesmo. Contudo, minha desilusão foi minorada quando me explicou que compartilharia comigo sua experiência, força e esperança sobre uma base pessoal, para ajudar-me a adquirir a auto-responsabilidade.

Esta foi minha primeira lição sobre apadrinhamento: a de ser um apoio em tempos de necessidade, de oferecer disponibilidade e boa vontade em todas as ocasiões, para orientar-me para o descobrimento de minhas próprias soluções para os meus problemas e dificuldades pessoais.

No início, sua ajuda foi de natureza prática: sua presença nas reuniões, nosso intercâmbio em chamadas telefônicas e as preciosas conversas privadas especiais. Talvez tudo isto tenha sido apenas apoio moral, mas o fato de eu saber que o tinha disponível ajudou-me em muitas ocasiões a encontrar um porto seguro num mar de dificuldades.

Aqueles foram meus dias de passos vacilantes ao longo do caminho que conduz à abstenção, à sobriedade. Uma época para aprender a viver novamente, um tempo em que eu necessitava tanto de um mestre quanto qualquer criança na escola. O conteúdo dos livros e dos folhetos nem sempre era compreendido.

Pouco a pouco, durante um longo período, foi se operando uma sutil mudança na relação entre meu padrinho e eu. Na medida em que foram crescendo e fortificando-se minha confiança e respeito próprio, fui buscando um maior conhecimento do programa de recuperação de A.A.

Dentro do grupo podia-se apresentar e discutir muitos pontos, com o compartilhar de diversas...experiências.

Porém, ainda restavam muitos aspectos dos quais eu ainda carecia de ajuda e orientação.

Com o meu padrinho podia falar aberta e confidencialmente sobre os Doze Passos, e pude

passar a entender seu profundo significado interior. Lenta, porém seguramente, com o passar do tempo fui aprendendo através do exemplo e dirigindo minha mente para um melhor aproveitamento da vida de sobriedade.

Este período de transição, crescimento e renovação foi em muitos aspectos uma época muito feliz. Claro que houve problemas, mas meu padrinho me ensinou a rir deles e sobretudo a desenvolver um profundo sentimento de gratidão.

Até aqui falei somente muito brevemente do que foi para eu ter sido "apadrinhado". Necessariamente trata-se de um resumo já que fosse narrar todos os detalhes de tal experiência ocuparia muito mais tempo do aquele que me está destinado.

Nosso Escritório de Serviços Gerais considera este tema do "apadrinhamento" como da maior importância, e já desde a primeira Conferência em 1966 se tratou desta parte do serviço.

A sexta Conferência em 1971, cujo tema central foi "A unidade no Serviço para o membro novo", destinou dois comitês para tratar assuntos distintos. Um deles falou sobre "O apadrinhamento no grupo" e o outro compartilhou suas experiências sobre "A responsabilidade individual no Apadrinhamento".

A 12ª Conferência de 1977 teve novamente uma sessão dedicada ao exame de nossa consciência sobre o apadrinhamento.

Pelo o que foi dito anteriormente não é difícil deduzir a relevância que existe na Grã Bretanha quanto ao apadrinhamento, e como até agora, na vida de nossa Conferência temos prosseguido fazendo o inventário de grupo para examinar nossa consciência e para mantermos vivos em nossas mentes os benefícios que são obtidos tanto para o padrinho quanto para o afilhado.

Uma recente pesquisa cuidadosa em nossa associação revelou alguns interessantes resultados. Reconhecemos que a amostragem pesquisada é pequena, mas tomaram-se todas as medidas possíveis para assegurar que todos os setores de A.A. no país nela estivessem representados. As conclusões mostraram que 69% dos membros de A.A. tinham entre dois e seis anos de sobriedade, e que 75% das pessoas com mais de seis anos eram padrinhos de outro ou outros membros. A média geral dos membros que atuavam como padrinhos foi de 52%.

Outro fato interessante que veio à luz foi que 80% daqueles que atuaram como padrinhos mantêm uma relação de proximidade com a pessoa a quem apadrinharam.

Isto poderia indicar a criação de um forte vínculo de amizade entre as pessoas envolvidas, amizade que se estabeleceu e que perdura através do tempo. Assim, parece confirmar-se a opinião expressada na edição revisada do folheto sobre apadrinhamento: "Um bom relacionamento padrinho-afilhado é uma espécie de elo recordado com prazer por cada um, mesmo se os dois já não estão entrosados. Mas pode também se transformar numa amizade duradoura, e quando isso acontece, geralmente os dois dizem: Agora apadrinhamos um ao outro."

Quando escuto em meu grupo menção ao apadrinhamento, ainda que não seja este o tema da reunião, alegro-me profundamente. A pergunta do recém-chegado serve para recordar-me do tempo em que a palavra apadrinhamento era nova para mim e eu desconhecia seu propósito. A mente inquisitiva mostra um desejo de melhorar em sua rota para a sobriedade e uma boa disposição para utilizar toda ajuda possível, ao mesmo tempo em que acredita que haverá de encontrar a ajuda de que necessita, sem interessar de onde venha.

Entendo que somos afortunados por dispormos no folheto "P e Respostas sobre Apadrinhamento" de um tesouro de experiência compartilhada que nos pode guiar em tão importante atividade.

Diz-se que Deus nos deu dois ouvidos e uma só língua para nos indicar que devemos escutar duas vezes antes de falar. Eu procuro escutar atentamente e com a intenção de compreender; quando falo, procuro não sair dos limites de minha própria experiência. Tenho o privilégio de ser padrinho e - considero esta situação como uma parte muito importante do meu programa de recuperação, retribuindo, assim, à Irmandade uma fração mínima de tudo aquilo que me foi dado gratuitamente. - Se me perguntassem como assumiria a responsabilidade do apadrinhamento, teria que responder: o apadrinhamento há que ser assumido de maneira sincera, honesta e amorosa.

Tradução: Edson H.

Apadrinhamento

Em Alcoólicos Anônimos, apadrinhamento é o processo em que um alcoólico que já fez algum progresso no programa de recuperação, partilha essa experiência de uma forma contínua e individual, com outro que está tentando conseguir ou manter sua sobriedade através de A.A.

A responsabilidade do apadrinhamento, embora não escrita e informal, é uma parte básica da maneira de A.A. efetuar a recuperação do alcoolismo através dos Doze Passos.

Não há regras específicas, mas um bom padrinho, que provavelmente deveria contar com um ano ou mais de sobriedade desde seu último gole, deve parecer feliz na sobriedade e convém que, dentro das possibilidades do grupo, homem apadrinhe homem e mulher amadrinhe mulher (evitar envolvimento emocional, nem sempre saudáveis).

O apadrinhamento reforça a sobriedade do membro mais antigo. O ato de partilhar sua sobriedade torna mais fácil para o veterano a vida sem álcool. Ajudando os outros, constatamos que ajudamos a nós mesmos.

Não há qualquer classe ou casta superior de padrinhos em A.A. Qualquer membro pode ajudar o novato a enfrentar a vida, sem recorrer ao álcool sob qualquer forma. Tempo de sobriedade é um fator, mas não o único. Os padrinhos eficientes são aqueles homens e mulheres que têm permanecido sóbrios por tempo suficientemente longo para compreender o programa sugerido de recuperação delineado nos Doze Passos.

De igual importância são a capacidade de compreensão e paciência, disposição para dedicar tempo e atenção aos membros novos, e o exemplo pessoal como representante do A.A. em ação.

UM BOM PADRINHO DEVERIA:

Fornecer seu endereço pessoal ao afilhado e, se possível, obter o dele, mas sem obrigá-lo a fornecer.

Estimular o afilhado a freqüentar uma variedade de reuniões de A.A., para que ele adquira diversos pontos de vista e interpretações do programa.

Nunca se recusar a tomar o inventário moral do afilhado, se este lhe pedir, mas nunca forçá-lo a isso.

Apresentar o afilhado a outros membros, provavelmente que possuam interesses ocupacionais ou sociais iguais aos dele.

Ficar a disposição do afilhado, quando este está com problemas especiais.

Enfatizar a importância dos Doze Passos e das Doze Tradições, estimulando o afilhado a conhecê-los bem.

Insistir em que o afilhado participe das atividades do grupo, tão cedo quanto possível.

Quando em contato com familiares do afilhado, explicar-lhes o programa de A.A. e falar-lhes sobre os Grupos Familiares de Al-anon e Alateen.

Levar o afilhado em seu trabalho do Décimo Segundo Passo.

Um padrinho que realmente coloca em primeiro lugar o programa, não tomará como insulto o fato de seu afilhado decidir mudar de padrinho ou procurar outros AAs, em busca de mais orientações.

Um padrinho por mais experiente que seja, nunca fala em nome do A.A., e deixa isso claro ao afilhado, informando-o que cada membro tem a liberdade de chegar a uma compreensão individual do programa.

Em sua ansiedade de ajudar a conseguir a sobriedade, alguns padrinhos podem tender a ser superprotetores, tornando os afilhados dependentes de sua pessoa, o que é de todo inconveniente.

Outro perigo é que a superproteção pode aborrecer o afilhado, a ponto de este se ressentir das tentativas de ajuda e expressar esse ressentimento abandonando o A.A.

Deve lembrar-se de que apadrinhar não é forçar o afilhado a nada.

Nos casos de recaída, o padrinho deveria não ser muito intransigente ou bondosamente piegas, mas, procurar o afilhado e simplesmente reconduzi-lo ao Primeiro Passo e ao Grupo.

Do Primeiro ao Quinto Passo de A.A., freqüentemente encontramos citações de como o padrinho procura auxiliar o novato na trilha da recuperação proposta pelos Doze Passos (10 vezes).

A partir do Sexto Passo, deixando de ser infantil e tornando-se mentalmente e emocionalmente adulto, o antigo novato passa a ter todas as condições para ser um bom padrinho.

Um cuidadoso planejamento da atividade do apadrinhamento dentro do grupo, provavelmente dará melhores resultados do que o apadrinhamento deixado ao acaso. Uma forma sugerida: O Coordenador, no fim da reunião: "Se alguém aqui ainda não tem padrinho e precisa de um, por favor, procure o secretário após a reunião afim de arranjar um padrinho provisório." Onde esta prática é adotada em cada reunião, os membros dizem que ela lembra ao grupo o valor de apadrinhar e ser apadrinhado.

APADRINHANDO O RECÉM-CHEGADO PARA O SERVIÇO - (AKIKO M. - JAPÃO)

Recebi um amável convite de John Grant, Coordenador da Décima-Terceira Reunião Mundial de Serviços, no qual me pedia para fazer uma palestra sobre "Apadrinhando o recém-chegado para o serviço". Lendo-o, imediatamente lembrei-me de minha experiência pessoal quando fui amadrinhada para o serviço.

Minha madrinha no serviço encorajou-me a permanecer disponível para ajudar os alcoólicos que ainda sofrem e guiá-los para o serviço. As palavras que eu ouvia dela freqüentemente eram: "por aqueles que estão sofrendo agora". Pelo seu exemplo, em suas atividades diárias, ela mostrou-me, tanto quanto possível, a atitude responsável de "serviço". Gostaria, todavia, de começar minha palestra, a qual baseia-se em minha experiência de apadrinhamento de recém-chegados, falando sobre minha idéia de serviço.

Foi há oito anos, eu acredito, que o conceito de nosso Terceiro Legado de Serviço tornou-se conhecido pela primeira vez pelos membros de A.A. do meu país. Naquela época, o Japão já tinha mandado delegados à Reunião Mundial de Serviços. Desde os primeiros dias, datando do estabelecimento de A.A. no Japão, há 19 anos, nossos membros, mesmo desconhecendo a definição de "serviço", adotaram uma atitude de serviço.

O programa de A.A. foi introduzido no Japão por um membro de A.A. americano. O primeiro grupo foi um grupo de língua inglesa, na base americana de Tóquio, para residentes de língua inglesa da cidade. Durante os primeiros anos, alguns membros que tinham facilidade de fazer traduções, em bases voluntárias, traduziram o "Livro Grande" e "Doze Passos e Doze

Tradições" para o japonês; outros membros, com talento e equipamento para impressão e encadernação, transformaram os manuscritos em livros. Alguns membros de A.A. de língua inglesa visitaram nosso grupo e nos ajudaram a compreender alguns termos pouco familiares usados naqueles textos. Não posso, nesta oportunidade, deixar de mencionar que somos profundamente agradecidos pela assistência que o G.S.O, de Nova York, nos deu na

publicação do "Livro Grande", "Doze Passos e Doze Tradições" em japonês. Nossos membros pioneiros eram muito ativos em levar a mensagem aos alcoólicos sofredores confinados em hospitais de tratamento. Minha madrinha me disse que no primeiro dia em que assistiu uma reunião, ela foi mandada para levar a mensagem a um hospital (hoje recomendamos que os membros encarregados de levar mensagem aos centros de tratamento e hospitais tenham pelo menos três meses de sobriedade). Os antigos membros eram, também, ativos em contribuir para a então pequena Irmandade (os membros de hoje parecem ser mais cautelosos em fazer contribuições para o A.A.). De qualquer forma, os primeiros membros eram

muito ativos no serviço. Minha madrinha me levou a mensagem enquanto eu estava num hospital. Quando assisti à minha primeira reunião de A.A., fui recebida calorosamente. Os membros chamavam-me pelo nome, o que me fez muito feliz. Senti

estar sendo tratada como um ser humano, não como uma bêbada irresponsável. E, felizmente, dois meses depois de minha chegada ao A.A., um grupo de N.A. foi fundado em Tóquio. Minha madrinha sugeriu-me assistir, também, às reuniões de N.A. para me libertar do meu problema de drogas. Poderia, então, saborear uma vida sóbria em A.A. e uma vida limpa em N.A. Em ambos os grupos, participei ativamente no serviço, o que me mantém ocupada, mas também feliz. Naquela época passei por duas experiências dolorosas. Uma foi a morte de minha mãe e outra foi o divórcio e conseqüente separação de minha família.

Duvido que poderia ter sobrevivido a estas dificuldades sem a ajuda de minha madrinha. Ainda que me comportasse alegremente nas reuniões, à noite, quando estava só, ficava profundamente deprimida e chorava ao telefonar para minha madrinha. Ela era sempre paciente, ouvindo-me por longas horas, altas horas da noite, até que me acalmasse. Ela me deu um tremendo apoio.

Um dia ela pediu-me para visitar e levar a mensagem aos alcoólicos em um hospital onde eu estive internada para tratamento durante vários meses.

Enquanto compartilhava minha experiência com eles, comecei a me sentir muito orgulhosa de mim, superior a eles, impressionando-me com minhas próprias palavras.

Minha madrinha disse-me para não me embriagar com palavras.

Naquela noite tivemos uma reunião de passos e lembrei-me da palavra HUMILDADE.

Minha primeira tarefa foi coordenar uma reunião. Quando minha madrinha pediu-me para ser coordenadora, imediatamente respondi: "Não! Eu não posso fazê-lo". Ela respondeu: "Se você não quiser, não é obrigada a aceitar.

Procurarei outro". Então respondi: "Sim. Eu quero. Gostaria de tentar".

Naquela época, eu simplesmente não podia expressar meus sentimentos de alegria por ser capaz de ajudar outras pessoas.

A estrutura de serviço de nosso país começou a organizar-se naquela época.

Em Tóquio, os grupos foram divididos em Distritos e cada Distrito formou seu próprio comitê. Minha madrinha era ativa nos comitês. Eu a segui e envolvi-me em vários tipos de serviço. Primeiro fui eleita RSG e depois tornei-me membro do Comitê de Hospitais e Instituições, então Coordenadora do Comitê de Informação ao Público e, posteriormente, Delegada à nossa

Reunião de Serviços Gerais. Agora sirvo como Delegada à Reunião de Serviços Mundiais. O Tema da XII RSM - "Serviço - Privilégio de cada um" - lembrou-me um importante princípio.

Minha madrinha mostrou-me como ser uma boa coordenadora. Aprendi a respeitar cada membro e suas opiniões. Como coordenadora, poderia apenas sintetizar suas opiniões e expressá-las em nome deles. Mas não tinha poderes para governá-los. Isto, implicitamente, requeria a prática da Segunda Tradição e do Décimo Conceito. Foi uma lição extremamente significativa para mim, um ensinamento que fui capaz de aplicar em todas as minhas posteriores tarefas no serviço.

Naquele tempo, nosso Comitê de Informação ao Público publicou um boletim do A.A. japonês, patrocinando reuniões públicas, levando a mensagem de recuperação para áreas locais e engajando-se em muitas outras atividades.

Felizmente, nosso comitê pode contar com a assistência de muitos membros individualmente, com habilidades em campos específicos e relacionadas com aquela

publicação. No princípio acreditei que aquele serviço era algo especial, tarefa a ser realizada por um seleto grupo de pessoas. Desde então, mudei de idéia. O mais importante é trabalhar juntos, ajudar uns aos outros, unir-se para alcançar o objetivo único. Isto, eu acredito, é o objetivo básico do programa.

Este é nosso trabalho e nenhum outro - nossa preocupação que devemos partilhar calorosa e apaixonadamente com nossos companheiros sofredores. Não é difícil. Não requer técnicas especiais. Simplesmente compartilhamos nossa própria experiência, trabalhando juntos na esperança e no amor.

Agora quando amadrinho um recém-chegado para o serviço, sempre relembro das preciosas dádivas que me foram presenteadas por minha madrinha e por muitas outras pessoas. Quero compartilhá-las com outrem. É um grande prazer para mim, ser capaz de prestar serviço ao A.A., com base no verdadeiro amor, e percebo dever isto à minha sobriedade de hoje.

Por causa dos Três Legados de A.A., cada um de nós torna-se uma pessoa útil e leva uma vida significativa. Muitos outros recém-chegados aparecerão às portas do A.A. e eu gostaria de continuar assistindo-os, compartilhando minhas experiências e a alegria de ser uma boa madrinha. Quero ser humilde e grata, aceitando e abençoando a oportunidade de servir ao alcoólico que ainda sofre.

Assim como o A.A. salvou minha vida, quero compartilhar estas experiências com a próxima pessoa que estender a mão à recuperação, respeitando e enriquecendo novas vidas de meus companheiros, ajudando-os a se prepararem para um futuro brilhante.

(Vivência - Julho/Agosto 95)